

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

NATÁLIA MARINA DE OLIVEIRA

**MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-
EXISTENCIAL**

Belo Horizonte
2022

NATÁLIA MARINA DE OLIVEIRA

**MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-
EXISTENCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Belo Horizonte
2022

150 O48m 2022	<p data-bbox="512 497 847 533"><u>Oliveira</u>, Natália Marina de.</p> <p data-bbox="512 539 1286 607">Masculinidade hegemônica [recurso eletrônico]: um olhar fenomenológico-existencial / Natália Marina de <u>Oliveira</u>. - 2022.</p> <p data-bbox="552 613 900 647">1 recurso online (35 f.) : pdf</p> <p data-bbox="552 654 1227 687">Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista .</p> <p data-bbox="512 763 1337 860">Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p data-bbox="552 866 778 900">Inclui bibliografia.</p> <p data-bbox="512 947 1310 1043">1. Masculinidade. 2. Fenomenologia existencial . I. Evangelista, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
---------------------	--

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



**1 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

Folha de Aprovação

MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

NATÁLIA MARINA DE OLIVEIRA

monografia defendida e aprovada, no dia **dez de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador

FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 13 de janeiro de 2023.

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Lins Cardoso

Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Goncalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 31/01/2023, às 11:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, Professor do Magistério Superior**, em 31/01/2023, às 14:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

1 of 2 31/01/2023 18:41 SEI/UFMG - 2051240 - Folha de Aprovação
https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_...



A autenticidade deste documento pode ser conferida no [site/sei.ufmg.br/sei/controladoexterno.php?acao=documento_conferir&id_documento=2051240](https://sei.ufmg.br/sei/controladoexterno.php?acao=documento_conferir&id_documento=2051240), informando o código verificador **2051240** e o código CRC **1790155**.

Dedico este trabalho a todos os meus clientes

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial, a minha mãe Cristiane e ao meu pai Edimilson por todos os ensinamentos, amor e carinho. Sem vocês eu não seria quem sou.

Ao meu professor e orientador Paulo Evangelista pela dedicação, compreensão, afeto e carinho a me guiar na escrita deste trabalho.

Aos meus amigos por serem suporte e abrigo nesta minha jornada, em especial, Odair Câmara, Samuel Geraldo e, a Lucas Samuel Quadros pelas leituras e discussões.

Sem vocês a caminhada seria muito mais difícil.

*Nada a temer, senão o correr da luta
Nada a fazer, senão esquecer o medo
Abrir o peito à força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura*

*Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim?
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim*

Milton Nascimento

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender como a masculinidade hegemônica pode causar sofrimento existencial ao homem. A pesquisa parte da fenomenologia-existencial de Martin Heidegger, conduzida pela questão existencial do ser-com-os-outros. O fio condutor dessa temática é o *a-gente* descrito por Heidegger em *Ser e Tempo*, como o modo de sermos tomados pelo mundo de modo impessoal e acabarmos por dar contornos iguais às existências. Compreendeu-se que a masculinidade hegemônica é imposta socialmente como um modo a ser seguido pelos homens e idealizado pelas mulheres, exigindo a incorporação dos homens e a subordinação das mulheres. Para ilustrar e, ao mesmo tempo, aprofundar a análise, buscamos no podcast *Mamilos*, no episódio 145 – “masculinidade e sentimento” – alguns temas relevantes para essa pesquisa. A pesquisa aborda em três capítulos a proposta em descrever o ser-com-os-outros pela perspectiva fenomenologia-existencial; apresenta a masculinidade hegemônica e o desvelamento do conceito, e ao fim, propõe a apropriação de si na psicoterapia fenomenológico-existencial como um modo de romper com padrões adoecedores de ser-no-mundo. Deste modo, a pesquisa apresenta uma análise documental que busca a compreensão social dessa temática. As obras relevantes dessa pesquisa são de: Martin Heidegger; Spanoudis e Critelli; Critelli; Alice Holzhey-Kunz, Paulo Evangelista; Santos e Sá.

Palavras-chave: Masculinidade hegemônica; Fenomenologia-existencial; Terapia existencial; Ser-com-os-outros.

ABSTRACT

The present research seeks to understand how hegemonic masculinity can cause existential suffering to men. It starts from the existential-phenomenology of Martin Heidegger, conducted by the existential question of being-with-the-others. The guiding thread of this theme is “the they” described by Heidegger in *Being and Time*, as the way of being taken by the world in an impersonal way and ending up giving equal contours to existences. Hegemonic masculinity is socially imposed as a way of being to be followed by men and idealized by women, demanding the incorporation of men and the subordination of women. To illustrate and, at the same time, deepen the analysis, we analyse a podcast (Mamilos, episode 145 – “masculinity and feeling”) for some relevant themes for this research. In three chapters, this research describes being-with-the-others from the existential-phenomenology perspective, presents hegemonic masculinity and the unveiling of this concept, and in the end, indicates the appropriation of the self in phenomenological-existential psychotherapy as a way of breaking with sickening patterns of being-in-the-world. In this way, the research presents a documental analysis that seeks the social understanding of this theme. The relevant works of this research are by: Martin Heidegger; Spanoudis and Critelli; Critelli; Alice Holzhey-Kunz, Paulo Evangelista; Santos and Sa.

Keywords: Hegemonic masculinity; Existential-phenomenology; Existential therapy; Being-with-the-others.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 SER-COM-OS-OUTROS NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	11
2 MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: DESVELANDO O CONCEITO	19
2.1 Ilustração da masculinidade hegemônica	21
2.2 Masculinidade hegemônica e restrição existencial	23
3 APROPRIAÇÃO DE SI NA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COMO UM MODO DE ROMPER COM PADRÕES ADOECEDORES DE SER-NO- MUNDO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERENCIAS	34

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre o tema masculinidade hegemônica se dá partir de uma sensação, manifesta na mídia, nas conversas e na minha experiência no consultório, de que os homens, em geral, são agressivos e adoecedores na nossa sociedade. Como seres relacionais, é possível que cada homem, sendo ser-com-os-outros, assuma para si, irrefletidamente, certos modos de ser socialmente construídos, como papéis sociais, do que é ser homem e do que é ser mulher. Esses modos de ser-no-mundo-com-outros levam à repetição de comportamentos que causam grandes sofrimentos existenciais na vida própria e de outros ao redor.

Na literatura psicológica, esse tema tem sido estudado sob o conceito de *masculinidade hegemônica*. A masculinidade hegemônica é descrita por Connell e Messerschmidt (2018) como: “Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.” (p. 245). Posto isso, a masculinidade hegemônica tem em nossa sociedade um grande poder na ditadura da masculinidade. Ela dita o modo do homem ser-no-mundo.

Em minha pesquisa de graduação Oliveira (2019), busquei aprofundar nessa temática, pois o meu desejo era compreender a raiz dos diversos problemas sociais das relações entre os gêneros. A pesquisa demonstrou a transformação do machismo por meio da palavra. Falar sobre a construção do machismo, debater sobre os modos de ser do homem na sociedade atual, falar sobre o poder, a dominação masculina e a violência de gênero gerada em torno da temática do machismo, que tem como base o patriarcado, é de suma importância. É pela via da palavra que acontece a transformação. Assim, foi percebido que os grupos reflexivos de homens apresentam verdadeira mudança em seus modos de entrarem em contato no ser-si-mesmos e ser-com-os-outros. Entre pesquisas já realizadas, documentários, conversas com homens e mulheres, nas quais a pauta era a violência de gênero, saltaram algumas indagações: quem somos no mundo? Como queremos ser, viver e nos relacionar?

Diante disso, a presente pesquisa objetiva aprofundar os estudos iniciados na graduação, tomando a masculinidade hegemônica como tema sob o viés da psicologia fenomenológico-existencial, esperando-se que este estudo possa trazer contribuições para a prática clínica fenomenológica. Buscarei refletir sobre como a masculinidade hegemônica pode causar sofrimento existencial ao homem. Para ilustrar e, ao mesmo tempo, aprofundar a análise, buscamos no podcast *Mamilos*, no episódio 145 – “masculinidade e sentimento” – alguns temas relevantes para essa pesquisa. Assim, o objetivo geral é compreender a influência da

masculinidade hegemônica nos modos de sofrimento existencial de homens na contemporaneidade sob o enfoque da fenomenologia existencial. Os objetivos específicos são: a) analisar o ser-com-os-outros como fundamento da possibilidade dos modos de ser compartilhados, estereotipados, de ser homem; b) descrever sofrimentos tipicamente masculinos analisados na literatura psicológica; c) considerar a apropriação de si na psicoterapia fenomenológico-existencial como um modo de romper com padrões adoecedores de ser-no-mundo.

As obras e autores mais relevantes nesta pesquisa, são: de Alice Holzhey-Kunz, sobre o olhar filosófico-existencial do sofrimento psíquico; Dulce Critelli, com o termo Historiobiografia; Spanoudis e Critelli, com a obra *Todos nós ninguém: um enfoque do fenomenológico do social*, baseado em Martin Heidegger; Paulo Evangelista, com a perspectiva da daseinsanálise de Medard Boss sobre o sofrimento e adoecimento. Farei o recorte do ser-com-os-outros pela fenomenologia-existencial de Martin Heidegger em seu livro *Ser e Tempo*.

O método a ser seguido é de pesquisa documental que, para Cellard (2008), possibilita ao pesquisador a análise na dimensão do tempo e compreensão social. A metodologia de análise documental favorece a observação minuciosa do material, o processo de maturação e a observação na evolução dos indivíduos, grupos, práticas sociais, entre outros.

A pesquisa partirá de uma análise compreensiva do ser-com-outros para a psicologia fenomenológico-existencial, baseada na obra de Martin Heidegger, e de comentadores. Em seguida, analisará a masculinidade hegemônica, com o objetivo de refletir e provocar questionamentos sobre o modelo masculino que é imposto socialmente e culturalmente, fazendo com que estes sejam silenciados no decorrer de suas vidas.

Diante disso, essa pesquisa se justifica por ser um tema pouco pesquisado, mas de grande relevância para a clínica fenomenológica e para a vivência humana. Acredito que seja importante socialmente buscarmos compreendermos os modos que nos relacionamos como agentes no mundo, é a partir disso que podemos nos transformar e nos lançar como ser-aí no-mundo e com-os-outros.

1 SER-COM-OS-OUTROS NA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Neste capítulo evidenciaremos alguns fenômenos tratados por Heidegger em seu livro *Ser e Tempo*, bem como as análises de Spanoudis e Critelli (1981) na introdução do livro *Todos nós ... ninguém*.

A obra de Martin Heidegger, *Ser e Tempo* (2012), apresenta como questionamento os termos “ser” ou “sendo”, nos propondo a pensar sobre a sua ontologia fundamental. Esta, se difere dos conceitos de ontologia descrita na filosofia de Aristóteles e Platão, que buscavam categorizar este conceito.

Para Heidegger, a ontologia tem como fenômenos fundamentais o manifestar-se e apresentar-se. Estes não buscam conceituar ou determinar a existência, mas nos levam a compreender os modos ontológicos de ser, como ação, sendo, indicando as várias possibilidades de ser; “*tornar-se, manifesto, presente, criado, produzido, atuado, sentido...*” (Spanoudis e Critelli, 1981, p. 10). Portanto, a analítica existencial da ontologia de Heidegger busca olhar para aquele sujeito por meio da compreensão, entendendo-se que este existe como ser-aí, lançado ao mundo, é o que difere das teorias reducionistas, conceitualistas e deterministas do que é a existência humana.

A existência apresenta-se como ser-aí; é lançada no mundo, em relação com as coisas e com os outros. É por essa compreensão de ser que podemos compreender a vivência humana e nos questionarmos sobre ela. Sobre Dasein (ser-aí), afirma Heidegger (2012):

A situação é o “aí” que se abre cada vez no ser resoluto, o “aí”, como o que o ente existente é “aí”. A situação não é um quadro subsistente, no qual o Dasein sobrevém ou no qual ele também viria ele mesmo se alojar. Longe de ser um misto meramente subsistente de circunstâncias e acidentes que vêm-de-encontro, a situação só é pelo ser-resoluto e no ser-resoluto. Resoluto para o aí que o si-mesmo tem de ser existindo, abre-se cada vez para ele primeiramente o caráter-de-conjunção factual das circunstâncias (p. 819).

Pode-se compreender o que Heidegger apresenta como Dasein: é o estar lançado para a sua existência como ser-aí, existente sempre em projeção. Cada existência tem o seu próprio ser e é nela que se pode existir como sendo em sua totalidade. Este ente que existe como ser ontológico sempre está em um movimento na busca por encontrar-se, podendo sempre perder-se de si. Portanto, o Dasein só pode se desvelar por meio da sua cotidianidade na relação com os outros entes.

Assim, Heidegger escreve em *Ser e Tempo* no seu primeiro capítulo, que “O ente que temos a tarefa de examinar, nós o somos cada vez nós mesmos” (2012, p. 139). Nesta tarefa de

pertencermos a nós mesmos, expõe a ontologia que somos dotados de liberdade. Em sermos livres, assumimos o fato de sermos responsáveis por nossa existência. Assim, Heidegger descreve que o tema da analítica do Dasein se faz em dois pontos, no qual ele apresenta, como: “A "essência" desse ente reside em seu *ter-de-ser*. O ser-que (*essentia*) desse ente, na medida em que geral disso se pode falar, deve ser concebida a partir do seu ser (*existentia*). [...] A "essência" do Dasein *reside em sua existência* [...] Que ele “tem” de ser; destinação!”. (2012, p. 139).

Adiante, Heidegger (2012) descreve que:

O ser que, para esse ente, está em jogo em seu ser é, cada vez, o meu. Por isso, o Dasein nunca pode ser ontologicamente apreendido como caso ou como exemplar de um gênero de ente como subsistente. [...] o dasein, conforme o caráter do ser-cada-vez-meu desse ente, deve incluir sempre o pronome pessoal: “eu sou, “tu és”. Isto é, o ser-cada-vez-meu significa ser-me-entregue-a-mim-mesmo-como-próprio (p. 141).

Neste ponto, Heidegger diz que não conseguiremos escapar do fato de existirmos para nós mesmo, somos seres destinados a existir, sendo existir um verbo de ação, a todo tempo existimos, somos destinados a ter de ser. Esta problematização do ente vem descrever que o ser-aí é a “destinação”, isto é, a ideia de que somos a todo tempo voltados a responder à pergunta fundamental de: quem-somos? Quem-somos-no-mundo?

É diante da pergunta “quem sou eu?” que a existência busca significar o ser-entregue-a-si-mesmo-como-próprio. Essa pergunta faz com que a existência seja lançada para o “aí”. No ser-aí é que vivenciamos o existencial da angústia, pois, ao buscarmos as respostas à pergunta fundamental do Dasein, nem sempre conseguimos ter as respostas ou, quando as temos, muitas vezes não eram as que esperávamos (Spanoudis e Critelli, 1981).

É nessa problemática que podemos pensar que o ser-para-si-mesmo não significa que cada existência seja sempre singular. Pelo contrário, no mais das vezes existe como *A-gente*. Para Heidegger, segundo Spanoudis e Critelli (1981), o *A-gente* é descrito como fenômeno relacionado à analítica de ser-no-mundo como ser-com e ser-si-mesmo. O Dasein, o ser-aí, está lançado em seu mundo, este, é encantado com o mundo e o é absorvido por ele. A ponto que o Dasein é indagado pelo “quem”, este tem como a problemática em desvelar a cotidianidade do ser-aí com a contestação, “quem” é este ser-aí? Por meio da relação com-o-mundo, o ser apresenta-se atravessado pela alteridade na qual expressamos nossas dualidades em sermos seres inautênticos e incoerentes na maior parte do tempo (Spanoudis e Critelli, 1981).

Por meio do questionamento do “quem” é que o Dasein existe em sua cotidianidade, possibilitando o encontro com o os outros a partir da dimensão relacional com outros entes que

se apresentam em nossa existência. É neste ser-aí e ser-com que, para Heidegger, encontramos o ser-com-os-outros como *A-gente*. Heidegger (2012) descreve:

Para A-gente a situação está ao contrário, essencialmente fechada. A-gente só conhece a “situação geral” e perde-se nas “oportunidades” de mais pronto acesso e contesta o Dasein em nome do cálculo dos “acidentes” que, embora não os conheça, toma e apresenta como obra sua. O ser-resoluto traz o ser do aí para a existência de sua situação. Mas o ser-resoluto circunscreve (p. 819).

Posto isso, o *A-gente* que Heidegger descreve tem como função o antagonista do Dasein, do ser-aí. Isso faz com que grande parte do nosso ser-no-mundo seja generalizado no “*nós*”, os outros. Nesta generalização Heidegger descreve que ser “*todos*” é ser “*ninguém*”. Porém, isto não significa ser nada, mas ser encoberto pelo todo, distanciando-se do ser-si-mesmo e absorvendo-se no ser-todos-nós (Spanoudis e Critelli, 1981).

Assim, o ser-resoluto é encoberto pelo *A-gente* ao não assumir o Dasein, a existência de maneira autêntica na maior parte do tempo e vamos sendo como podemos ser em nossa cotidianidade, ao longo do tempo da história, como parte do poder público. A vida cotidiana, comunitária é difundida de forma a massificar todos os modos de ser. No caso que nos interessa nesta monografia, na massificação de um modo de ser homem. Este modo impessoal e compartilhado de ser *A-gente* nos impossibilita de sermos nós mesmos na maior parte do tempo (Spanoudis e Critelli, 1981).

Ao vivermos em sociedade, acabamos por partilhar modos de existir no modo impessoal, todos somos “homens”, nos comportamos na cotidianidade de modos comuns, iguais. Vamos absorvendo-nos uns aos outros a ponto de existirmos como “*nós*”; a coletividade nos invade e não sabemos nos diferenciar uns dos outros. Acabamos por dar contornos iguais, comparativos e impróprios à nossa existência e, por consequência, tornarmo-nos inautênticos (Spanoudis e Critelli, 1981).

A inautenticidade é um modo de existir como ser ôntico. O *a-gente* apresenta-se como nosso modo de ser na cotidianidade contemporânea. Nessa dualidade do existir podemos considerar os significados que damos à nossa existência com-os-outros no dia a dia, nas relações cotidianas e com-nós-mesmos.

O existir cotidiano, se expressa na mundanidade dos entes-envolventes. O ente que está no-mundo-cotidiano se envolve nele por meio de um fascínio e por ele é tomado. Spanoudis e Critelli, (1981) escreve: “Estar absorvido no mundo quer dizer estar vivencialmente ligado ao mundo, interpenetrado nas coisas, os entes-envolventes” (p. 25). Por meio desse fenômeno, busca-se compreender o sujeito da cotidianidade.

Ao nos construirmos como ser-aí, vamos sendo presença simples e objetivada para os outros entes, até que nos tornemos entes-envolventes. A busca pelo ser-aí está em se perder para se encontrar. Ao nos misturarmos aos outros entes e nos tornarmos ser-com-os-outros vamos nos presentificando com o questionamento: quem sou eu? Esta pergunta é fundamental para que a ontologia do ser-aí possa dar contorno às relações humanas (Spanoudis e Critelli, 1981).

Na ontologia fundamental de Heidegger, o que seria uma mera presentidade do “eu” em poder ser determinado e conceituado, perderia a expressão ontológica do “não-eu”, como algo fundante da dualidade existencial. Não se tem a certeza do ser ou do não-ser. A existência está em perder para se encontrar, deste modo, o *a-gente* de Heidegger apresenta-se como um modo de ser da existência em relação com-os-outros-no-mundo. Porém, mesmo o ser-aí está em constante movimento de se encontrar, vivemos modos ontológicos de ser inautênticos e nos distanciamos desse ser-aí como *a-gentes* (Spanoudis e Critelli, 1981). A ponto que Spanoudis e Critelli (1981) apresentam o termo *presentado* como modo ontológico de ser-com-os-outros e ser-com-o-mundo, como:

Ao esclarecermos o “ser-no-mundo”, que de imediato um sujeito nu, desprovido de mundo, nunca é: mostramos que ele não chega sequer a ser *presentado*. Um “eu” isolado, sem os outros, também está, de imediato, especialmente distante de ser *presentado* (p. 31).

Posto isso, o termo *presentado* vem de encontro com a expressão: representado, reconhecido, visto, expressado. Assim, Spanoudis e Critelli (1981), apresentam como que para nossa existência ser *presentada*, é preciso compartilharmos existências no mundo e com o mundo. Parece de imediato muito óbvio, mas não é tão simples assim. Ao vivermos modos contemporâneos de individualismos extremos e profundas ausências de nos encontrarmos no nosso mundo-próprio, apresentamos dificuldade em partilharmos este mundo-próprio com outros entes e acabamos por nos distanciar do nosso ser-aí, nos limitamos na possibilidade em ser-com.

Deste modo, não se consegue responder, determinar a pergunta fundamental do ser-aí, não se tem uma “*chave para a compreensão*”, mas deve ser compreendida ontologicamente como abertura para as questões fundamentais da existência, como ser que existe diante de suas possibilidades. Ao ser existência, este se faz em cada instante. Porém, esta problemática é o retrato da angústia, pois existe tempo para ser-aí, é diante da angústia que o ente se descobre em seu ser-aí. Sobre a angústia, Heidegger descreve (2012):

Na primeira indicação fenomênica da constituição-fundamental do Dasein e da elucidação do sentido existenciário de ser-em, no que se diferencia da significação categorial do “ser dentro”, o ser-em foi determinado como morar em..., estar familiarizado com... Este caráter do ser-em se fez, então, mais concretamente visível pela publicidade cotidiana de a-gente, que introduz na mediana cotidianidade do Dasein a tranquila segurança de si mesmo, o “ser em-casa” que-se-entende-por-si-mesmo. A angústia, ao contrário, resgata o dasein do seu decair no "mundo" em que é absorvido. A familiaridade cotidiana se desfaz. O Dasein é isolado, embora como ser-no-mundo. O ser-em vem para o “*modus*” existenciário do não-ser-em-casa: o discurso do “estranhamento” não significa nada além disso (p. 527).

A angústia é um existencial importante para pensarmos o ser ontologicamente. Nela, podemos refletir sobre os modos de ser e os que queremos viver na finitude que está posta como fim do Dasein, mas que não temos a resposta de quando chegará esse fim, não há tempo determinado, exato. Quando ele acontecerá? Se tivéssemos essa resposta possivelmente o modo de existir seria bem diferente. Não temos uma hora marcada para deixar de ser existência e vivê-la. Por isso, existir é se angustiar com as incertezas de ser-aí, ser-no-mundo, ser-com e ser-no-mundo-com-os-outros.

Diante disso, é a morte que nos lança ao tempo determinado de viver, por esse tempo buscamos lançar a existência a ponto de pertencê-la, pois um dia não estaremos mais aqui. Assim, a angústia se faz na finitude humana. O fato de querermos viver tudo o que o mundo, os outros, têm a nos oferecer, nos faz relacionarmos com o tempo por meio do fim, ele vai acabar, assim, tudo também acaba. Os planos, os objetivos, os desejos, as relações, o mundo, tudo não mais existe para “mim” ao morrer. O ser-aí, não existe mais.

Ao propormos uma analítica fenomenológica existencial diante do ser-com-os-outros, percebe-se que esta é uma condição ontológica posta. Vivemos em relação com outros entes a todo momento. Diante disso, Evangelista (2016) aponta que:

A análise de ‘mundo’ como a totalidade de entes significativos mostra que as conjunções são já entendidas e compartilhadas. Assim, uso o martelo porque a gente usa isso para pregar um prego para pendurar um quadro. Caminho pela calçada e atravesso a rua quando nenhum carro vem vindo, como a gente faz. Sou psicólogo, como muitos outros, assim como dou aulas, como tantos outros professores. Enfim, existo como tantos outros (p. 102).

Evangelista (2015) mostra nesse trecho que, como entes existentes no mundo, compartilhamos o mundo com outros entes existentes. Para além disso, ao compartilharmos o mundo, compartilhamos modos de ser no mundo cotidiano. É diante do compartilharmos o mundo cotidiano que nos tornamos *a-gente*. “Toda realização cotidiana acontece como a-gente a realiza” (Evangelista, 2016, p. 104). Portanto, ao propormos o tema masculinidade

hegemônica, compreendemos que o ser homem está em ser como-os-outros-homens. Assim, buscamos no Outro o modo de ser homem e assim reproduzimos a masculinidade hegemônica na cotidianidade contemporânea.

Isto é, mundo já é desvelado pelos mesmos significados e conjunções que aparecem para todos nós, como um mundo comum. A tradição é preservada pel'a-gente, no sentido de determinar o que e como pensar, sentir e ser. São as prescrições de modos de ser que mundo incessantemente fornece, tomando cada existência como as demais do ponto de vista de seus modos possíveis de ser (Evangelista, 2016, p. 105).

Ao pensarmos no a-gente pelo modo de ser homem (masculino) no mundo cotidiano, faz-se importante a analítica contemporânea da masculinidade hegemônica como modo de determinar sentido para o projeto de ser "homem" para cada sujeito. Assim, reduzimos e categorizamos a existência do masculino como algo já posto e determinado socio-historicamente. Assim, sou homem como a-gente é homem. Portanto, "a-gente desenvolve sua ditadura, pois fornece respostas prontas, aliviando Dasein de seu fardo (ter-que-ser)" (p. 105).

Diante desse modo de a-gente de ser, passamos por não questionar essa cotidianidade e vivemos em presenças simples e objetivadas dos modos de ser no mundo. Entretanto, Critelli (2012) propõe que é da condição humana a capacidade assumir propriedade por seu ser, buscando um sentido singular para a própria existência em meio ao a-gente. A filósofa descreve:

O grande diferencial entre a filosofia e as demais formas de saber é que sua estrutura é reflexiva. implica um retorno ao já visto e já sabido para examiná-lo de novo, desembrulhá-lo de suas interpretações usuais e já dadas como certas para permitir sua nova e original manifestação. Seu fim é a busca do sentido e do significado de tudo o que é e que convencionamos chamar de essência (Critelli, 2012, p. 22).

Uma vez que a filosofia está no campo da compreensão da existência, ela ao mesmo tempo desvela aquilo que está posto no cotidiano entre os entes-envolventes na mundanidade. Assim, a filosofia tem um poder terapêutico para o Dasein. A filosofia vem para proporcionar o desvelamento, descobrimento da existência que se é cotidianamente. No entanto, este ser-aí que está no cotidiano se faz encoberto pelo a-gente com seu caráter do senso comum (Critelli, 2012).

Mas, é a partir do senso comum que podemos orientar nossa existência com aquilo que é familiar, nela podemos dar ação a nossa existência, pois já temos uma segurança naquilo que já foi visto e vivido por outros entes. É no saber do senso comum do a-gente que podemos viver em um mundo compartilhado com-os-outros, é diante do a-gente que descobrimos que somos nós e não unicamente indivíduos isolados do mundo (Critelli, 2012).

O a-gente de Heidegger apresenta uma grande importância para nos reconhecermos no mundo, é a partir dele que a pergunta fundamental surge. Quem sou eu? Quem sou eu no mundo? Quem sou eu com-os-outros? Nessa dualidade do ser e do não ser, da autenticidade e da inautenticidade que o ente consegue reconhecer a si e aos outros entes ontologicamente. Assim como a compreensão está no campo ontológico do Dasein como uma busca pela pergunta fundamental. Sem a compreensão do como existimos-no-mundo, não temos a possibilidade de existir de modos autênticos e singulares. É por meio da compreensão que vivenciamos a totalidade de ser-no-mundo-com-os-outros, pois é no mundo compartilhado que conseguimos dar suporte para a nossa existência, é através do mundo-com que podemos sobreviver. O mundo compartilhado é uma necessidade da vida. Diante disso, Critelli descreve (2012):

Mas tudo que um homem em particular percebe e compreende exige compartilhamento. Toda novidade, toda nova verdade precisa encontrar lugar num mundo comum para conquistar alguma possibilidade. [...] a existência é sempre vivida em conjunto que a compreensão, enquanto atividade do pensamento, é requisitada e ativada. Se a vida pudesse ser vivida em absoluta solidão, não poderíamos sequer pensar. Pensamos porque precisamos comunicar aos outros e a nós mesmos as diferenças percebidas; é porque precisamos, comunicando-lhes a diferença do nosso ponto de vista, fazê-los ver a diferença que nós mesmos fazemos no meio deles (p. 28).

A exemplo, este trabalho acadêmico busca a compreensão de como a masculinidade hegemônica pode causar sofrimento existencial ao homem? É por intermédio do questionamento pode-se compreender o sentido desse fenômeno masculinidade hegemônica na contemporaneidade como causa do sofrimento existencial. A pesquisa por meio da filosofia de Martin Heidegger e pesquisadores sobre a temática faz com que este trabalho possa ser desvelado em meio a cotidianidade do senso comum que oferece um modo determinado de ser masculino.

Ao realizar as perguntas fundamentais, busca-se desvelar o que está oculto, o não dito e não problematizado pelo senso comum. Assim, a fenomenologia existencial tem como função descobrir o sentido do modo de ser masculino contemporâneo, em ter-de-ser um homem encoberto pela masculinidade hegemônica.

Diante desse ponto, me baseio numa importante colaboração de Critelli (2012) sobre o sentido:

Nenhum homem foi feito para lidar com os fatos da vida de forma fragmentada e aleatória. Os fatos precisam ser costurados com um fio de sentido que lhes dê alguma razoabilidade para serem compreendidos. Só depois de compreendê-los podemos definir nossas ações e tocar a vida (...) Sem um contexto de sentido em que os fatos da vida se reúnam significativamente, o ser humano perde a noção da realidade.

Juntamente com ela, perde a noção de si mesmo e de sua humanidade (Critelli, 2012, p. 31)

Critelli (2012) explica que é “diante dos eventos inusitados que abalam nossa forma cotidiana e habitual de entender e ser, sentimo-nos perplexos e paralisados, como se tivéssemos perdido nosso lugar no mundo. É aí, propriamente, que a compreensão começa.” (p. 25). Portanto, se compreendermos a masculinidade hegemônica como um modo de ser compartilhado socio-historicamente por a-gente, podemos buscar enquanto entes existentes novas formas de descobrir como a-gente pode viver outros modos de ser masculinos. Mas, para isso é necessário voltar às coisas mesmas a partir do sentido que damos às relações humanas. Novamente faço as seguintes indagações: quem somos no mundo? Como queremos ser, viver e nos relacionar?

Uma vez que para existir é necessário compreender a existência que se vive, Critelli (2012) traça uma reflexão sobre ser “narrador de si mesmo”:

No extenso caminho entre nosso nascimento e nossa morte, acumulam-se nossos enfrentamentos dos fatos da vida- a construção de nossa história. Mas realizar uma história não é, necessariamente, compreendê-la. A narrativa é essa interpretação de nosso ser que captura compreensivamente a história que nossa vida realiza. Ela captura a personagem que temos sido, fomos e podemos ser. É a narrativa que descortina os fios de sentido que nos conduziram e motivaram e não os havíamos percebidos (p. 39).

Posto isso, Critelli (2012) descreve em sua análise que o sujeito que narra a própria história pode observá-la e mudá-la diante daquilo que percebeu sobre o seu modo de existir. Assim, ser narrador de si mesmo é umas das ferramentas mais importantes que nós sujeitos podemos desenvolver como ato contínuo para o nosso projeto de vida.

Por fim, a Historiobiografia destacada por Critelli é um dos meios de sermos espectadores e narradores de nós mesmos para que assim, possamos buscar novos contornos à nossa existência, e de fato buscarmos vidas menos adoecedoras e com projetos de vidas mais possíveis para o ser-aí existir com-ele-mesmo, no-mundo e com-os-outros.

2 MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: DESVELANDO O CONCEITO

Este Capítulo busca descrever sofrimentos tipicamente masculinos analisados na literatura psicológica a partir do termo “Masculinidade Hegemônica” apresentada na contemporaneidade. A partir desse ponto, venho elucidar um pouco sobre a Masculinidade, o termo Hegemonia e, por fim, a representação da Masculinidade Hegemônica.

Ao tratar desse tema é importante descrever sobre a masculinidade sendo um conjunto de idealizações históricas e culturais a respeito do sexo masculino perante a sociedade. Trata-se de uma construção social e histórica. Compreende-se que a masculinidade se apresenta de formas diferentes em relação à cultura e assim sofre modificações no decorrer do tempo, da história, dentro de uma mesma cultura (Scott, 1995).

Logo, o termo Hegemonia vem descrito pelo dicionário brasileiro de português online (2021) como:

Poder que algo ou alguém exerce em relação aos demais; supremacia, domínio; Influência absoluta, liderança ou superioridade: hegemonia política; Superioridade ou poder absoluto que uma cidade, um país ou um Estado tem em relação aos demais.

Portanto, a descrição do termo Hegemônico ressalta um grande poder e superioridade sobre as relações humanas que uns têm sobre os outros. Logo, trago esses dois conceitos descritos acima separadamente para que possamos compreender, de fato, qual o sentido que a Masculinidade Hegemônica tem para a nossa sociedade, dentre alguns artigos pesquisados para compor este capítulo.

Ao se trabalhar a partir da compreensão do sofrimento existencial dos homens pela imposição ideológica da masculinidade hegemônica, é necessário trazer algumas reflexões acerca dessa temática. Ao pensarmos a estrutura de nossa sociedade capitalista e ocidental que se baseia no Patriarcado, temos como consequência a Masculinidade Hegemônica, que para Connell e Messerschmidt (2018):

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote, mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (p. 245).

Connell e Messerschmidt (2018), ao apresentarem a reflexão sobre a masculinidade hegemônica, dizem que a mesma não é adotada por todos os homens, mas que certamente a

masculinidade hegemônica dita o modo de ser homem através da hierarquia da relação de subordinação das mulheres aos homens. Essa problemática faz pensar sobre o termo masculinidades. As masculinidades, como o pluralismo do ser masculino são diversas e se modificam constantemente na relação temporal da história.

Connell e Messerschmidt (2018) realizaram uma vasta pesquisa em mais de 200 artigos científicos para analisarem o conceito de masculinidade hegemônica no campo das pesquisas científicas. Eles encontraram variados conceitos com o termo “masculinidade hegemônica”. Nestas análises, é possível perceber como o campo científico tem um olhar reducionista a essa temática tão complexa. A academia, desde a década de 1970, busca estudar o papel masculino em nossa sociedade, mas não conseguem chegar ao ponto de uma compreensão real dos modos de ser homem.

As pesquisas realizadas sobre essa temática são recentes no campo das ciências sociais e da psicologia. Assim, é importante ressaltar que as pesquisas começaram a ser iniciadas pelo movimento feminista, através das mulheres e homens que questionavam o papel de poder social dos homens, buscavam compreender o masculino por meio das pesquisas das relações entre os gêneros (Scott, 1995). O termo *masculinidade hegemônica* foi criado entre meados de 1980 a 1990.

Assim, Connell e Messerschmidt (2018) descrevem sobre o termo masculinidade hegemônica e sua real complexidade:

Este é um conceito contestado. Ao mesmo tempo, os assuntos de que trata continuam presentes nas lutas contemporâneas sobre poder e liderança política, violência pública e privada, transformações na família e na sexualidade. Uma reavaliação compreensiva do conceito de masculinidade hegemônica parece valer a pena. Caso prove ser útil, o conceito deve ser reformulado em termos contemporâneos (p. 242).

Deste modo, o conceito de masculinidade hegemônica não pode ser definido e conceituado, pois houveram diversos conceitos que desconsideram em grande parte as diversas masculinidades presentes nas relações de gênero.

Posta a complexidade do termo masculinidade hegemônica, temos que considerar a busca por novas pesquisas que integram a pluralidade e singularidade que existe em ser homem e em ser masculino dentro de nossa sociedade atual. Não se pode e nem se deve repetir a redução simplista a esse fenômeno social nesta pesquisa.

O recorte que pode ser feito pela perspectiva fenomenológica existencial sobre a masculinidade hegemônica é proposto pelo primeiro capítulo dessa pesquisa por meio do *a-gente* descrito por Heidegger, diante da perspectiva de *todos nós... ninguém*. A masculinidade

hegemônica vem para conceituar e delimitar o modo de ser homem que, sob a compreensão da fenomenologia-existencial de Heidegger, é descrita como a-gente. “Sou homem, sou masculino”, como a-gente é.

Essa é uma grande problemática contemporânea, pois como descrito acima por Connell e Messerschmidt (2018), a masculinidade hegemônica é fundamentada pelo poder do patriarcado que busca “legitimar ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (p.245).” Assim, para uma vivência relacional entre os gêneros, apresenta diversas desigualdades, violências, sofrimentos e, por consequência, adoecimento existencial para cada ser que existe. Portanto, todos são afetados por essa maneira de representação da masculinidade hegemônica nas relações de gênero.

2.1 Ilustração da masculinidade hegemônica

Para ilustrar e, ao mesmo tempo, aprofundar a análise, buscamos no podcast *Mamilos*, no episódio 145 – “masculinidade e sentimento” – alguns temas. Com esta análise, esperamos trazer melhor reflexão e compreensão sobre o ser homem na contemporaneidade e os sofrimentos apresentados pela imposição do modelo normativo da masculinidade hegemônica que atravessa a existência humana. O episódio foi realizado por Fê Duarte, psicólogo e psiquiatra, Oga Mendonça, designer multimídia, filmmaker e documentarista, Gui Valadares, fundador do projeto “Papo de Homem” e Thiago Queiroz, que é pai, fundador do podcast “tricô de pais”, e também do blog “*paizinho em vírgula*”, que apresenta discussões sobre paternidade e masculinidades. Todos se identificam como homens e se juntam para falar sobre Masculinidade e Sentimentos.

Na introdução do episódio 145, são apresentadas as seguintes formulações: existe diferença entre homens e mulheres na forma de processar os sentimentos? O quanto dessa diferença é biológica? Quanto disso depende da forma que nos organizamos na sociedade? Como criamos meninos? E o que cobramos dos homens adultos? (Mamilos, 2018).

Ao longo do podcast, os participantes tentam responder essas perguntas através de suas experiências pessoais e profissionais. Apresento algumas respostas que foram elaboradas ao longo do episódio pelos homens.

Ontem eu estava conduzindo um grupo com meninos adolescentes, em Foz do Iguaçu e vários desses meninos disseram que nunca tinham tido uma conversa sobre o que é ser homem, sobre masculinidades, com ninguém. Então se eles não podem conversar, eles não podem expressar, mas eles aprendem a segurar e isso vai criando uma panela

de pressão, não é que ele não sente ele vai reprimindo esses sentimentos (Mamilos, 2018).

O a-gente de Heidegger é descrito nesse trecho como um ser inserido em seu contexto social, cultural e histórico que acaba por repetir modos de ser homem que limitam a expressão dos sentimentos. Na falta da expressão dos sentimentos, os meninos e homens acabam por silenciar o que estão sentindo, pois já está posto que homens não devem falar do que sentem. Esse encobrir os sentimentos acabam por silenciar o que sentem e, assim, não compreendem os seus sentimentos.

Outra descrição é do aprisionamento das emoções ao longo do desenvolvimento na infância, adolescência, até vida adulta, no qual só é questionada através da relação com a sua esposa e com a paternidade:

[...] eu até os meus 30 anos não tinha falado sobre sentimentos com ninguém, cê entende! Eu só comecei a entender que esse era um negócio que era importante, porque eu vi que estava afetando o meu casamento, e que eu me tornei pai, entende! (Mamilos, 2018).

Nesta fala, é apresentado que no momento em que o homem se depara na relação com-o-outro pela via da paternidade e do casamento, buscando compreender os seus sentimentos, que até os seus 30 anos estavam encobertos. Assim, é importante ressaltar que é através das relações que nos reconhecemos como ser-aí que está lançado no mundo e diante disso, a busca por compreender a sua vivência enquanto homem que vive em uma sociedade patriarcal e por consequência machista, é através da relação com-o-outro que se tem a possibilidade de buscar o desvelamento do ser homem como a-gente é homem. Assim, ele descobre o homem que ele realmente quer ser.

Nas falas abaixo, é demonstrado que para o menino não é permitido chorar e demonstrar qualquer tipo de sentimento que demonstre “fraqueza”, pois isso está vinculado a ser um homem gay. É perceptível o reforço da masculinidade hegemônica, por qual um homem gay não é homem. Assim aparece a invisibilidade e a falta de liberdade em ser homem como se quer ser.

Engole o choro!” Era uma frase muito natural. Se você subir chorando de uma briga eu bato em você.” Então, você é criado com essas premissas!

[...] cara eu não posso te dizer quem que pra mim foi mais forte dizendo assim: “Ah que homem não chora, que isso é coisa de viadinho, você é viadinho? Direto, direto. Eu ouvi isso de todo mundo. Da minha mãe, do meu pai, de todo mundo! Na minha escola, na adolescência (Mamilos, 2018).

É explícito a agressividade na criação de um menino, nas falas acima. A tarefa para eles está, em bater ou apanhar, de todo o modo eles precisam experienciar a agressividade e o silenciar de suas emoções e sentimentos ao longo de suas vidas. Retorno a pergunta inicial do podcast: Como criamos meninos? E o que cobramos dos homens adultos? (Mamilos, 2018).

2.2 Masculinidade hegemônica e restrição existencial

Assim, é notável a restrição existencial de modos de ser nas relações sociais, com potencial adoecimento do homem, pois o mesmo não é permitido vivenciar as diversas masculinidade(s), mas, sim, uma só masculinidade, essa que passa a ser chamada pela literatura das Ciências Sociais de masculinidade hegemônica. Essa é mantida como um ideal para os homens e um modelo desejado para as mulheres. Tudo gira em torno do poder sobre as relações sociais. Os homens, por aprisionar suas emoções, as silenciam, o que dificulta o acesso aos seus sentimentos.

Diante disso, Nolasco (1993) apresenta em seu livro alguns comportamentos sociais pesquisados por ele. Aponta que os homens crescem com a tendência a baixas habilidades comunicacionais e expressões emocionais. Como consequência da repressão emocional na infância e adolescência, na vida adulta o homem não consegue acessar as suas emoções e demandas afetivas e por consequência dessa socialização da masculinidade hegemônica começam a desenvolver habilidades dominadoras, controladoras e agressivas.

Na descrição abaixo, é exemplificado como o modelo da Masculinidade Hegemônica acaba por dar ao homem o poder de se justificar por comportamentos em que trata a mulher como objeto simples e objetivado por intermédio do biológico. Por outro ponto, sua fala é composta por uma preocupação a essa justificativa, ele vê esse comportamento como "errado". Ao fim, ele busca desmistificar essas crenças determinantes do que é ser homem a ponto de que cada um possa trabalhar o machismo no campo do individual para o coletivo.

[...] Eu tenho uma preocupação muito grande. Porque às vezes a gente coloca o peso da biologia para justificar umas parada muito errada que a gente faz enquanto homem, tá!? E um caso clássico que a gente pode já começar a falando é aquele lance de tipo o cara que: “eu tenho hormônios, minha testosterona”, e eu não consigo não olhar para aquela mulher e ficar encarando pros peito dela! Ao invés de olhar para o rosto dela, Sabe! Isso não é Biologia.[...] Então eu acho que a gente se esquia muito disso. Se esconde muito falando que com esse falso pretexto de que existe uma contribuição muito grande da biologia, da coisa e a gente deveria na verdade só desmistificar isso, entendeu! e trabalhar isso dentro da gente (Mamilos, 2018).

Por meio dessas construções de masculinidades inautênticas, estabelece-se uma maneira existencial silenciosamente imposta socialmente do que é ser homem – é o a-gente. Essa imposição interfere diretamente no modo do homem ser-no-mundo e de como deverá exercer sua masculinidade com-os-outros e com-ele-mesmo.

Ao compreender que uma masculinidade hegemônica perpassa todos nós e está enraizada em nossa cultura, entendemos porque somos um dos países que mais apresenta violência contra a mulher e feminicídio, com grandes índices de suicídio, violência e morte entre os homens (Aguiar e Diniz, 2017; Papo de Homem, 2019; Cerqueira et al., 2021). Os homens são os maiores autores de violência e os maiores índices de violência estão entre eles e com eles. A maior parte da população carcerária do nosso país é composta por homens, o maior índice de abuso sexual é feito por homens que abusam de mulheres, de homens, de meninas e meninos. Que matam a si mesmos e matam os outros. Que vivenciam cada dia mais a disseminação e a reprodução do ciclo de violência (Papo de Homem, 2019).

Conforme já afirmado, a masculinidade hegemônica pode trazer como consequências restrições e, portanto, sofrimento existencial. Alice Holzhey-Kunz (2018) apresenta a diferença entre sofrimento e doença. O sofrimento psíquico se diferencia da doença psíquica. A doença é uma disposição objetiva e o sofrimento é uma disposição subjetiva. Também por isso que a abordagem fenomenológico-existencial busca a compreensão hermenêutica para desvelar os sentidos das questões da doença e do sofrimento. Assim, o sofrimento humano está pautado na relação que o sujeito tem com o seu próprio ser. É diante do sofrimento existencial que o ser ontológico apreende a sua condição humana de ser Dasein. Deste modo, o sofrimento é inerente, não há como extinguir o sofrimento, pois este faz parte do ser ôntico, portanto, da existência ontológica do Dasein (Holzhey-Kunz, 2018).

Na fala a seguir, é perceptível como a violência gerada pela masculinidade hegemônica causa sofrimento existencial no homem, mas é a partir dela que o homem pode questionar: quem sou eu? Como quero ser, viver e me relacionar?

A gente passa umas violências bem foda assim, e a gente cresce, é, fingindo que a gente é forte, que aquilo não afeta agente, e dói pra cacete, a vida inteira dói, e você vira adulto e você tem filho e fala assim: “vou fazer tudo diferente”, [...] mas aí você se percebe que você se fodeu legal, porque tudo que você tinha ali como base, como segurança, sumiu, cara! E aí você tem que lidar com uma porrada de negócio que tava lá dentro e você não sabe como lidar e você não tem com quem falar sobre isso, porque é tudo muito novo (Mamilos, 2018).

É por meio da angústia que nos movemos diante do mundo, é diante disso que possibilitamos assumir singularmente nossa existência. A existência é lançada a ser-no-mundo,

ser-com, ser-si-mesmo, entre tantos outros modos de vivenciar e experienciar a existência humana. O ser ontológico como Dasein é uma condição do humano, o mesmo não tem como não ser, o Dasein está posto a todo momento como condição humana da existência e pode se apropriar de seu ser-lançado no mundo a partir da angústia.

Posto isto, a masculinidade hegemônica pode ser um fator de sofrimento humano, pois esta limita a existência do Dasein. Se de fato somos seres lançados para o mundo, seres de abertura, ser-aí, a masculinidade hegemônica apresenta uma (de)limitação da existência, pois ela limita, reduz e condiciona a vivência humana. Assim, o aprisionamento como falta de liberdade em poder ser faz com o que o homem esteja em sofrimento existencial e, por consequência, vivencie sofrimentos.

Para desvelar a questão do sofrimento humano, é importante para um psicoterapeuta fenomenológico-existencial buscar pensar em um ponto importante que Holzhey-Kunz (2018) apresenta: [...] faz uma diferença fundamental tanto para o ponto de partida terapêutico quanto para a postura terapêutica, se se parte de que seria preciso tratar uma doença ou descobrir e compreender um sentido velado” (p. 161). Pois bem, essa é uma proposta deste trabalho, buscar desvelar o sofrimento do homem a partir da imposição ideológica da masculinidade hegemônica. Deste modo, é evidenciado no trecho do Podcast Mamilos a fala de um homem sobre essa temática.

Assim, a gente que veio da década de 80 a gente é sobrevivente, cara. Porque assim, mas, enfim... Eu vivi minha vida inteira fazendo isso e eu acho que o que caracteriza, hoje, eu consigo, eu só consigo falar hoje também sobre isso porque eu já tenho um bom tempo fazendo terapia e isso é outra parada que homem também não faz [...] (Mamilos, 2018).

É evidenciada a forma que um dos convidados conseguiu romper e buscar desconstruir a ideologia da masculinidade hegemônica por meio do processo psicoterapêutico, ele também descreve:

Eu acho muito bonito também a gente ser capaz de transformar a dor em algo bonito. Da ausência paterna que você teve. Vou chorar... Eu lembro do meu pai ser muito agressivo comigo quando eu era pequeno. E parte disso também de alguma maneira me impulsionou e fez parte pra eu resolver fazer o que eu faço. E então, eu aprendi muito pela dor e acredito, fortemente, também em transformar pelo amor e transformar pela própria dor pelo amor. Entendendo que vai fazer parte da nossa vida a dor e que até isso a gente pode abraçar o que foi a falta, o que foi a dor. A gente não precisa odiar um pai ou uma mãe em que nos fez sofrer a gente pode ver aquilo de outro jeito, pelo menos assim tem sido pra mim! (Mamilos, 2018).

Acho que poder aprender a abraçar a dor é importante também! Não só carregar essas coisas como traumas, mas, como é que a gente vai curar isso? Como é que a gente vai

transcender isso? Soltar? Às vezes, o que pra gente foi uma dor imensa, pra nós, que foi pra mim, que foi pro Thiago, a gente atravessando aquilo ali, a gente pode depois ajudar outras pessoas [...] (Mamilos, 2018).

Nestes trechos do podcast, os convidados apresentam como a dor o sofrimento possibilitam transformação e movimento. Mesmo sendo evidenciada a agressividade pelo pai como uma das causas de sofrimento, o mesmo ressignifica esse sofrimento na busca por impulsionar a trabalhar com a temática da masculinidade. Ele diz sobre “transformar a dor pelo amor”. O trecho demonstra que essa foi a forma que ele encontrou para dar novo sentido para o seu sofrimento. Esse novo sentido faz com que ele se transforme enquanto o homem que ele quer ser e busca por dialogar com outros homens e meninos sobre masculinidades. Esse debate sobre masculinidades se dá inclusive através do podcast, o qual milhares de pessoas podem ouvir homens falando sobre como a masculinidade hegemônica causa sofrimento na trajetória de suas vidas.

3 APROPRIAÇÃO DE SI NA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COMO UM MODO DE ROMPER COM PADRÕES ADOECEDORES DE SER-NO-MUNDO.

Neste capítulo será apresentado a abordagem daseinsanalítica, fundada por Medard Boss como uma abordagem psicoterápica fundamentada no pensamento heideggeriano. Boss era médico psiquiatra e se deparou com as questões da fenomenologia-existencial de Heidegger em *Ser e Tempo*. A partir desse contato, Boss escreveu para Heidegger e assim surgiu uma grande amizade e também um dos maiores encontros entre médicos e a filosofia heideggeriana, nos Seminários de Zollikon. Assim, foi o ponto de partida para a construção da *Daseinsanalyse* como proposta para uma intervenção clínica pautada na fenomenologia-existencial (Evangelista, 2015).

A *Daseinsanalyse* busca olhar para o Dasein como uma existência ontológica. Boss busca a compreensão do sujeito e descobre que a fisiologia do corpo humano não é o único modo do adoecimento humano. Não basta olhar o sofrimento humano daquele que adoce reduzindo-o meramente a causa e efeito das questões do corpo. Assim, Boss inicia seus estudos sobre a psicossomática (Evangelista, 2015).

Diante da perspectiva do sofrimento humano, Boss apresenta que é importante olharmos o sujeito a partir da sua compreensão por meio dos sentidos e significados envoltos no adoecimento, bem como o sujeito que fica incapacitado fisicamente por quebrar uma perna perde a possibilidade de exercer seu papel na cotidianidade por um tempo, não está somente afastado de seus afazeres, como trabalho, escola, entre outros modos de existir no cotidiano. Ele também está limitado na sua existência e nas suas possibilidades existenciais, no seu modo próprio de compartilhar o mundo com-os-outros, em fornecer cuidado a si-mesmo e aos outros, como ficar de pé para tomar um banho ou até mesmo poder ir a uma festa em que todos os amigos estarão presentes para comemorar uma grande conquista. É diante dessa compreensão que Boss consegue promover reflexões acerca da existência humana a partir das suas experiências como médico psiquiatra diante da compreensão do sofrimento humano (Evangelista, 2015).

Então, para Boss, o adoecimento humano não está na divisão entre corpo e psiquismo, mas como Dasein, em que o corpo e mente são o todo da existência, é a partir dele que o sujeito existe e adoce. Ele parte de uma compreensão ontológico do adoecimento e não da metapsicologia descrita pelas ciências naturais, sendo uma delas a psicopatologia freudiana, que já buscava compreender a somatização das doenças no corpo, até mesmo pela hermenêutica

na busca pelo sentido, porém a teoria acabou por categorizar e reduzir a existência humana pré estabelecendo modos de ser doente (Evangelista, 2015).

Diante da temática aqui exposta da masculinidade hegemônica, o sofrimento existencial do homem está por vezes pautado na sua limitação em poder ser. Este modo masculino imposto socialmente como o modo mais “adequado” de ser homem causa limitações nas possibilidades do ser-com. Assim, é importante fator de restrições de vivenciar as masculinidades que existem como possibilidade para o Dasein.

Assim, a fim de contribuir com essa temática, apresento a psicoterapia Daseinsanalítica como possibilidade de homens desvelarem a masculinidade hegemônica, com o objetivo de considerar a apropriação de si na psicoterapia fenomenológico-existencial como um modo de romper com padrões adoecedores de ser-no-mundo.

Para trabalharmos nesse campo do sofrimento humano, é importante trazermos os temas cuidado e liberdade. É através dessas duas dimensões ontológicas que partiremos para buscar investigar os fenômenos do sofrimento humano por meio da psicologia clínica, que Sá (2002) descreve como processo psicoterapêutico pautado no: "cuidado pela vida", como: o estar-com que co-responde ao outro enquanto abertura às suas mais diversas e próprias possibilidades de ser”(p. 10). Portanto, o sentido do cuidado no processo daseinsanalítico se dá pela atenção na suspensão das identificações cotidianas e nos conhecimentos pré-estabelecidos pelo campo científico, para diante disso, dar abertura para revelar tudo aquilo que está encoberto pela existência cotidiana, para assim, descobrir o que está velado (Santos e Sá, 2013).

Logo, a liberdade apresenta-se segundo Santos e Sá (2013):

[...]como correspondência desveladora do que nos vem ao encontro no mundo, encontra-se, assim, em íntima conexão com a liberdade. O quanto uma existência pode deixar vir à luz em sua abertura de mundo, nunca depende apenas da aptidão sensorial, da investigação de fatos ou de raciocínios lógicos, mas, essencialmente, do quanto é livre. (p. 56).

É através do cuidado pela vida diante da suspensão dos conhecimentos pré-estabelecidos pelo psicoterapeuta que a existência consegue ir ao encontro com um dos existenciais fundantes da existência, a liberdade. É diante desse possibilitar da relação terapêutica construída a partir do que surge é que o homem pode se apropriar de seu poder ser. Diante disso, há a possibilidade de experienciar a autenticidade e assim ter a liberdade em poder ser para além do setting psicoterapêutico.

Portanto, se o sofrimento humano está pautado na restrição existencial, Santos e Sá (2013) apresentam que a forma de cuidado psicoterapêutico que não revele formas do ser se

apropriar de si-mesmo, retorna a mesma restrição existencial da liberdade e do mesmo modo gera sofrimento, pois não busca constituir horizontes de sentidos, mas, sim, restringe esses horizontes. Posto isso, Santos e Sá (2013) descrevem:

Por isso, é de fundamental importância para o cuidado psicoterapêutico um movimento de suspensão e recuo ante as demandas imediatas do sofrimento tal como aparece dado à experiência cotidiana e um exame do próprio campo experiencial de sentido em que ele se constitui. Esse tipo de atenção permite que o cuidado clínico não se restrinja a uma substituição do outro em suas possibilidades próprias e pessoais, mas possa, também, convidar o outro à experiência de sua liberdade essencial. (p. 58).

Assim, o homem é livre e está lançado, porém sempre está na dualidade do se perder para se encontrar. O psicólogo está para o cuidado na atitude libertadora para possibilitar que o Dasein seja ele mesmo e faça as escolhas mais autênticas pautadas no cuidado e na liberdade, com-ele, com-o-mundo e com-os-outros.

Souza, Leal e Sá (2013), descrevem sobre a fenomenologia hermenêutica como uma das bases para o processo psicoterapêutico pautado na fenomenologia-existencial.

O “deixar-ser” fenomenológico deriva daquilo que caracteriza essencialmente a existência humana, daquilo que é ontológico, não dizendo respeito aos aspectos ônticos desse ente que perfazem o âmbito das ciências e das metodologias da pesquisa científica. Por outro lado, cada fenômeno que vem à luz no diálogo clínico deve ser discutido a partir do contexto factual concreto em que surge, e nunca reduzido genericamente a uma estrutura existencial (p. 228).

Por isso, a masculinidade hegemônica dentro do setting psicoterapêutico não pode ser um termo que defina genericamente o homem como sendo todos os homens. O homem que está à sua frente precisa ser visto sem pré-conceitos estabelecidos do que é ser homem pelo psicoterapeuta, este precisa ser visto como ser existente que apresenta modos ontológicos de ser homem no seu tempo-histórico. É essa conduta que diferencia a prática psicoterapêutica das coisas do mundo, pois o sujeito ali não é visto de modo causal que busca por padronizar o sujeito.

Neste ponto, a masculinidade hegemônica descrita por Connell e Messerschmidt (2018) é apresentada como esse modelo normativo que acaba por exigir um posicionamento dos homens a esse modo único de ser homem. Em contraponto, os mesmos autores relatam sobre como nem todos os homens a aceitam ou se reconhecem por meio dessa masculinidade. Desse modo, o processo psicoterapêutico é esse lugar que possibilita ao homem buscar a sua própria masculinidade.

Como exemplo, apresento na fala abaixo o caminho de desconstrução da masculinidade hegemônica e as dificuldades que os homens apresentaram ao romper com essa ideologia normativa de gênero, extraído do podcast Mamilos:

Eu mereço, eu mereço mais! Cara, isso é tão difícil pra homens! Isso foi tão difícil na minha vida! Eu lembro de uma frase do Dalai-lama, que ele diz mais ou menos assim: “que a gente nunca consegue ter mais compaixão com o outro do que a gente tem consigo próprio”, e quando eu escutei isso pela primeira vez, faz muitos anos, é como se tivesse recebido um tijolo na minha cabeça. Porque eu me achava muito compassivo e empático com os outros, mas eu tinha certeza absoluta que eu não era comigo, absoluta! E quando eu escutei aquilo, eu chorei! Falei: cara, eu não me trato com carinho, eu tenho certeza absoluta! Eu não precisei nem refletir. Eu escutei a frase e meu olho encheu de lágrimas. Eu tenho certeza, eu não sou assim comigo. Eu sei que é bonito ser com os outros, mas eu não sou comigo. Eu não me coloco primeiro na fila do “eu preciso de um carinho, eu preciso de um abraço, eu preciso de amor, eu preciso de afeto, eu preciso de pausa, eu preciso de descanso, eu preciso de afeto”. Durante muitos anos, não! Não! Eu simplesmente não fazia isso. Então, pra um homem dizer que merece e que precisa de afeto, de carinho, de abraço [...] é um salto muito grande. Você nega o papel de provedor, né?! Cara, às vezes isso é uma vida! Você se coloca em um papel de fragilidade, né?! Coisa que todo ser humano tem! Só que para o homem se mostrar frágil, parece que você tá negando aquilo que foi ensinado pra gente a vida inteira! A gente não pode fazer isso, não pode!”

O processo psicoterapêutico é a ocasião para que esse homem possa ter uma atitude de cuidado consigo mesmo, para que assim possa realmente cuidar da relação com-o-outro, pois é perceptível o sofrimento existencial nessa fala sobre a restrição das suas possibilidades de cuidado, afeto, carinho, amor.

Essa dificuldade é apresentada ao longo deste trabalho, por qual os homens, o tempo todo, são ensinados a não demonstrar seus sentimentos e emoções, são cobrados a serem provedores e fortes, mas que, como uma condição humana estar nesse lugar de restrição das possibilidades existenciais por “uma vida toda”, como é dito, causa grande sofrimento e até mesmo adoecimento. Então a psicoterapia é esse lugar para se descobrir, ressignificar e dar novos sentidos à nossa existência.

Na fala abaixo, é descrito sobre como o processo psicoterapêutico é esse lugar que possibilita à existência se lançar e poder ser:

Eu comecei a fazer terapia, essas coisas, muito cedo na minha vida. Eu lembro de começar a fazer terapia pela primeira vez com 13 anos e seguir com a mesma terapeuta até os 22 anos. Então fiz nove anos de terapia, só com ela. Então, a maior parte dessa educação assim eu fui tendo muito cedo, tá?! Eu acho que isso foi muito útil pra mim, né?! Acabei tendo alguns intervalos de terapia, teve uma época que o dinheiro apertou mais. E voltei agora, assim, já com filhos e tudo! E tudo isso também é muito..., não tem nem o que falar, né?! Eu trabalho até com isso. O prazer de você ter uma pessoa que você sabe que você vai poder falar o que você quiser e ela vai dar conta. Isso é incrível, tá?! Eu acho que muitos dos homens, a gente não fala porque a gente até sente que a pessoa não vai dar conta de ouvir aquilo, não sabe! e isso é uma das coisas

que eu acho incrível da terapia, tá?! O meu terapeuta tá lá, eu posso falar qualquer asneira, qualquer coisa, ela dá conta! Ela segura a onda mesmo, né?! E isso dá uma liberdade incrível. Então, assim, exatamente a minha terapeuta não me julga, né?! Ela tá lá pra me ajudar. Ela tá lá pra me ouvir!

Diante dessa fala, é explicitado o que Santos e Sá (2013) apresentam como cuidado e liberdade no processo psicoterapêutico. Este dá suporte ao homem para ele poder ser e, assim, olhar para a sua existência com mais cuidado e afeto, mas também com mais liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou desvelar a masculinidade hegemônica e apresentar os sofrimentos existenciais contidos nas limitações de ser homem em nossa sociedade. Além da masculinidade hegemônica trazer grandes sofrimentos existenciais ao homem, por consequência, esse sofrimento é lançado nas relações humanas, pois, se a nossa existência é somente existência compartilhada com-o-mundo e com-os-outros, ela atinge todos nós, limitando-nos em nossas vivências cotidianas e em nosso projeto de vida.

Deste modo, este trabalho não é somente para desvelar o sofrimento e adoecimento do homem, mas de todos nós. É diante disso que este tema apresenta como grande relevância científica, pois, se somos seres relacionais, devemos buscar compreender como queremos ser, viver e nos relacionar.

O olhar da fenomenologia-existencial de Martin Heidegger sobre o ser-com-os-outros possibilitou o desvelar da masculinidade hegemônica como um modo contemporâneo do agente. Este foi o fio condutor de toda essa desconstrução da masculinidade hegemônica. Nele, pode-se perceber como que a-gente acaba por dar contornos iguais a nossa existência com-os-outros entes. Sendo a masculinidade hegemônica um modo restrito de vivenciar a nossa existência nas relações de gênero.

Cada dia, buscamos categorizar e reduzir nossa existência humana por intermédio das imposições da era técnica, da globalização, das redes sociais, da moda, dos modos de reprodução em massa, assim, acabamos por impossibilitar que nossa existência se lance de maneira autêntica. Acabamos por não questionar nossa existência como ser-aí, assim, repetimos modos já impostos socialmente como a-gentes. O que nos faz idealizar modos doentios de existir?

A proposta desse trabalho não é responder perguntas, mas expor dúvidas, questionamentos. É por meio do desvelamento da existência que buscamos respostas mais compreensivas dos nossos modos de ser-no-mundo. Esta pesquisa demonstrou que os homens podem e conseguem romper com a masculinidade hegemônica. Cada um daquele que busca pela pergunta fundamental do ser: quem sou eu? terá a oportunidade do desvelar de sua existência. Diante da compreensão, possibilitamos modos de existências mais autênticas, com mais afetos, cuidados e liberdade nas relações de gênero.

Assim, a limitação dessa pesquisa se dá na necessidade de ampliar os debates no campo da masculinidade hegemônica. Precisamos desenvolver mais pesquisas no Brasil voltadas a

terapias especificamente para os homens, pois a masculinidade hegemônica é uma das grandes questões de violências de gênero e adoecimentos existenciais presentes no mundo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luiz H. M; DINIZ, Gláucia. R. S. **Estudos sobre masculinidades e seus impactos no trabalho com homens autores de violência. Política social e gênero.** 2017. 17, n. 2 Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31264/0>>. Acesso em: 09 de Set, 2022.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis, Vozes, 2008. Disponível em:<<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=979585>>. Acesso em: 09 de jun. 2022.

CERQUEIRA, Daniel **Atlas da violência.** São Paulo: IPEA, 2021. Disponível em:<<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>> Acessado em: 17 nov. 2022.

CRITELLI, Dulce Maria. **História pessoal e sentido da vida: historiobiografia.** São Paulo-SP: EDUC-FAPESP-PUC-SP, 2012.

CONNELL & MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 424, janeiro-abril/2013. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/2465>>Acesso em: 20 set. 2022.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Dicio: **Hegemonia.** Conteúdo revisto em novembro de 2021. Lexicógrafa responsável: Débora Ribeiro. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/hegemonia/>> Acessado em: 10 nov. 2022.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. **Sofrer pelo próprio ser: a Daseinsanalyse de Alice Holzhey-Kunz e a inclusão pré-ontológica da existência como fundamento do sofrimento existencial.** *Nat. hum.*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 120-128, jun. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302019000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 agost. 2022.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. **Psicologia Fenomenológica Existencial: possibilidades da atitude clínica fenomenológica.** Rio de Janeiro, 2ªed. Editora Via Verita, 2015.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades artigos: uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em ciências sociais.** 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 09 de jun. 2022.

HEIDEGGER, M. (2012) *Ser e Tempo.* Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP; Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes. (1927/2012).

HOLZHEY-KUNZ, Alice. **Daseinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia.** Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro, 2018. Ed. Via Verita.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade.** Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1993.

Papo de Homem. **Derrubando Muros e Construindo Pontes**. 2019. Disponível em:< <https://papodehomem.com.br/pontes> > Acessado em: 27 de out, 2022.

OLIVEIRA, Natália Marina. **Processos de Elaboração e Ressignificação do Machismo no Combate à Violência de Gênero**. Faculdade Ciências da Vida. Sete Lagoas, 2019.

PODCAST MAMILOS. **Masculinidade e Sentimentos**. Brasil, 2018, Disponível em:< <https://open.spotify.com/> > Acessado em: 10 de jul. 2022.

S á, Roberto. Novaes. (2002). **A Psicoterapia e a questão da técnica**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 54(4).348-362. Disponível em:< <https://pesquisadores.uff.br/researcher/roberto-novaes-de-s%C3%A1>> Acessado em: 16 nov. 2022.

SANTOS, Daniele de Gois; SÁ, Roberto Novaes. A existência como “cuidado”: elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies** – v. XIX, n. 1, pp. 53-59, jan-jul, 2013. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100007&lng=pt&nrm=iso> Acessado em: 19 nov. 2022.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul. /dez. 1995, pp. 71-99. 16 Tradução de DABAT, R. C; ÁVILA, B. M. Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 02 de nov. 2022.

SPANOUDIS, Solon & CRITELLI, Dulce Maria. **Todos nós...Ninguém: um enfoque fenomenológico social**. São Paulo- SP. Editora Moraes LTDA: 1981.

SILVA, Nayane Aparecida da Costa & FREITAS, Joanneliese de Lucas. “A questão da técnica” em Heidegger: considerações sobre a clínica psicológica. **Rev. NUFEN [online]**. 2019, v. 11, n. 1, pp. 137-156. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01ensaio46> >Acesso em: 14 nov. 2022.